

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 037 03/10/2005 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (03/10/05)	Recortes
<p>Grãos (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão carioca- R\$ 63,00 a 65,00 / sc de 60 kg Fonte: COARP</p> <p>Milho – R\$ 13,00/ sc de 60 kg</p> <p>Soja – R\$ 22,30 / sc de 60 kg Fonte: COOPA-DF</p>	<p>IDEC pede postura cautelosa na liberação de produtos transgênicos</p> <p>Para o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, deve haver um sólido processo regulatório, complementando-se com um controle governamental eficiente na produção, industrialização e comercialização, além de uma rotulagem plena desses produtos, manifestando a preocupação dos consumidores brasileiros em relação aos produtos transgênicos, o IDEC - Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, organização civil com 40 mil associados - distribuiu nota assinada por Marilena Lazzarini, coordenadora executiva da entidade. Ela declara que "no caso dos alimentos transgênicos há uma associação incompreensível de interesses de governos nacionais e de pouquíssimas empresas globais que antes fabricavam venenos e que agora passam a produzir sementes transgênicas resistentes aos seus próprios venenos! Essa união tem empreendido um grande esforço para colocar rapidamente tais produtos no mercado, sem regras de segurança, com uma avaliação superficial de riscos e uma firme determinação em ocultar do consumidor o tipo de alimento que ele irá consumir".</p> <p>Fonte: A Tribuna do Povo</p>
<p>Hortaliças (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface – R\$ 3,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba – R\$ 6,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura – R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu – R\$ 12,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga – R\$ 0,40 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor – R\$ 12,00 / Dz</p> <p>Mandioca – R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango – R\$ 3,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão – R\$ 6,00 (Campo) a 7,00 (Estufa) / cx 12 kg</p> <p>Repolho – R\$ 5,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate – R\$ 18,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p>	<p>Arroba do boi sobe após sete meses em queda</p> <p>Depois de sete meses seguidos de quedas nos preços, o boi gordo subiu ontem em São Paulo. A cotação da arroba teve alta de R\$ 1,00 para R\$ 51,00, de acordo com levantamento da Scot Consultoria. Segundo a pesquisa da Scot, esta é a primeira valorização desde 18 de fevereiro passado, quando a arroba saiu de R\$ 58,50 para R\$ 59,00. Já o levantamento do Instituto FNP mostra elevação de R\$ 0,50 para R\$ 50,50 em São Paulo. Conforme José Vicente Ferraz, da FNP, é a primeira alta desde 8 de março deste ano, quando a arroba subiu de R\$ 59,00 para R\$ 60,00. Para Fabiano Tito Rosa, da Scot, a redução de oferta de gado de confinamento deu sustentação aos preços, e a expectativa é de mercado firme durante outubro. "As exportações [de carne] estão indo bem e no fim do ano o consumo no mercado interno melhora", afirmou. Reconheceu, porém, que a desvalorização do real ante o dólar pode ser um fator de pressão.</p> <p>Fonte: Valor Econômico</p>
<p>Fruticultura (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba – R\$ 30,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá – R\$ 1,50/ kg</p> <p>Tangerina Ponkan R\$ xxx/ cx 20 kg</p> <p>Limão – R\$ 15,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p>	<p>Emprego no campo tem queda recorde no primeiro semestre</p> <p>De acordo com análise da Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA), realizada sobre os mais recentes dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) do Ministério do Trabalho (MTE), entre janeiro e julho deste ano.</p> <p>Nos primeiros sete meses do ano, foram criados 219,94 mil empregos formais na agropecuária, o que representa uma queda de 19% ante igual período de 2004, quando 271,58 mil vagas foram oferecidas pelo setor. Em 2003, foram 232,5 mil empregos e em 2002, 231,6 mil</p> <p>Fonte: Diário do Comércio</p>
<p>Pecuária</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba – R\$ 50,00 NR e R\$ 52,00 R Fonte: FRIGOALFA</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados) – R\$ 300,00 a 350,00 Fonte: Zoonews\ Ezio – Padre Bernardo</p> <p>Leite</p> <p>litro – R\$ 0,55 Fonte: Araguaia</p> <p>Suíno - Vivo</p> <p>Kg – R\$ 2,50 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Aves – Frango Vivo</p> <p>Kg – R\$ 1,55 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Carneiro</p> <p>Kg - R\$ 3,00 (Borrego) – carcaça R\$ 10,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte – carcaça R\$5,80 Fonte : LM</p>	

Em crise, criadores se desfazem de seus bens

Preços pagos pelo boi gordo não cobrem custos; são os menores dos últimos 35 anos. Tratores à venda na beira da estrada, fazendas sendo desativadas, matrizes indo para o abate. Esse é o retrato da pecuária de corte em Mato Grosso Sul, estado que, até o ano passado, tinha o maior rebanho bovino do País - posto perdido para o vizinho Mato Grosso, devido ao alto índice de descarte de fêmeas. O estado lidera o abate de vacas, que representam cerca de 55% do descarte. É a primeira vez, em cinco anos, que o abate de fêmeas supera o de machos.

A crise verificada ali se estende por todo o País - estima-se que 45% dos animais abatidos sejam fêmeas. Desde julho, os preços oferecidos pelo boi gordo são os piores dos últimos 35 anos, segundo acompanhamento Scot Consultoria.

Há um ano e sete meses os valores pagos pelo boi gordo são inferiores a R\$ 65 a arroba (preços deflacionados) e, desde o início deste ano, menores que R\$ 60 a arroba. Atualmente, o boi gordo está cotado em R\$ 50 a arroba. Esse valor é inferior ao custo de produção, estimado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Pecuária de Corte) em R\$ 58 por arroba - trabalho realizado em Rondônia, Mato Grosso do Sul e Goiás. Ou seja, durante todo o ano de 2005 os preços se mantiveram em baixa e, além disso, praticamente não houve oscilação entre a safra e a entressafra.

"Isso é cíclico. Quando uma atividade está dando dinheiro, todo mundo aposta nela e, depois, o excesso de produção faz o preço cair", diz Maria Gabriela Tonini, analista da Scot Consultoria. Segundo ela, entre 1996 e 2000, os preços pagos pelo boi gordo estiveram em alta. Com isso, os produtores investiram na atividade e aumentaram a oferta. A partir de então, os valores começaram a se reduzir. A queda tem sido contínua desde 2003.

O produtor Luís Coelho, se desfez de uma fazenda em Corumbá - no Pantanal, onde devido às condições geográficas e climatológicas a crise fica mais acentuada, pois a maioria dos pecuaristas apenas cria, não engorda os animais (ver matéria abaixo) -, de um trator e de metade de seu rebanho. "Tenho de ter outra atividade econômica para sobreviver. Não há como ser apenas pecuarista", diz Coelho, que também é administrador de fazendas. O pasto degradado, pois há anos ele não obtém recursos suficientes para recuperá-lo, não comportava mais a quantidade de animais. Além disso, para diminuir a oferta, parte dos descartes era de matrizes.

"Estou sangrando as vacas", diz o pecuarista Luciano Leite de Barros. Por enquanto, ele tem optado por se desfazer de fêmeas a colocar bens à venda. Mas também desistiu de dois consórcios de tratores e pediu a renegociação de suas dívidas com o banco que o financiou.

"Os produtores estão se desfazendo de seu patrimônio para obter receita", diz Teresa Cristina Corrêa da Costa, diretora-secretária da Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul (Famasul). Para pecuaristas e analistas de mercado, alguns fatores determinaram a crise: um excesso de oferta - maior que a demanda -, os custos altos em detrimento dos preços, e o câmbio - que não favorece o escoamento maior da produção para o exterior. "Precisamos diminuir o rebanho por consciência de que a produção não atende o consumo e não pela dor", diz Laucídio Coelho, presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrisul). Segundo ele, apesar de o Brasil ser o maior exportador mundial de carnes, em volume, ainda está fora dos principais mercados devido aos problemas sanitários. "Então, enquanto não tivermos esses mercados, não podemos aumentar a nossa produção", diz Coelho.

Maria Gabriela acredita que o crescente abate de fêmeas - variação de 88% nos últimos três anos, quando as fêmeas representavam apenas 29% do descarte - irá provocar redução no nascimento de bezerras e, conseqüentemente, menor oferta de boi gordo. "Com isso, pode-se prever tempos melhores em 2006", avalia a analista.

Para José Vicente Ferraz, do Instituto FNP (IFNP), a pequena reação nos preços registrada em setembro poderá indicar uma reversão de tendência. "À medida que as fêmeas são descartadas, o rebanho tende a cair", explica. No entanto, segundo ele, é preciso ainda verificar a oscilação dos preços no próximo mês para se confirmar ou não essa mudança ainda neste ano. No mês, o preço do boi gordo acumula alta de 0,7%.

Opinião diferente tem Shirley Menezes, pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP), que acredita que apesar do crescente descarte de matrizes, nos próximos anos a oferta ainda será maior que a demanda, o que significa que não deve haver reversão de preços tão cedo.